



CONCURSO PÚBLICO

012. PROVA OBJETIVA

PROFESSOR DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

PORTUGUÊS

(OPÇÕES: 054 a 061)

- Você recebeu sua folha de respostas, este caderno, contendo 30 questões objetivas e duas questões discursivas a serem respondidas, e a folha de respostas das questões discursivas para transcrição das respostas definitivas.
- Confira seus dados impressos na capa deste caderno e na folha de respostas.
- Quando for permitido abrir o caderno, verifique se está completo ou se apresenta imperfeições. Caso haja algum problema, informe ao fiscal da sala para a devida substituição desse caderno.
- Leia cuidadosamente todas as questões e escolha a resposta que você considera correta.
- Redija as respostas definitivas e preencha a folha de respostas com caneta de tinta preta. Os rascunhos não serão considerados na correção. A ilegibilidade da letra acarretará prejuízo à nota do candidato.
- A duração das provas objetiva e discursiva é de 4 horas, já incluído o tempo para o preenchimento da folha de respostas e para a transcrição das respostas definitivas das questões discursivas.
- Só será permitida a saída definitiva da sala e do prédio após transcorridos 75% do tempo de duração das provas.
- Deverão permanecer em cada uma das salas de prova os 3 últimos candidatos, até que o último deles entregue sua prova, assinando termo respectivo.
- Ao sair, você entregará ao fiscal a folha de respostas da prova discursiva, a folha de respostas e este caderno.
- Até que você saia do prédio, todas as proibições e orientações continuam válidas.

AGUARDE A ORDEM DO FISCAL PARA ABRIR ESTE CADERNO.

Nome do candidato _____

RG _____

Inscrição _____

Prédio _____

Sala _____

Carteira _____

PARTE GERAL

01. De acordo com Almeida (2017), o racismo estrutural

- (A) parte da concepção de que o racismo é uma patologia, ou anormalidade, manifestada por indivíduos ou grupos racistas, cuja irracionalidade deve ser combatida principalmente pela lei.
- (B) enfatiza um processo histórico e político que cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática.
- (C) é definido pela tese principal de que os conflitos raciais partem das instituições, hegemônicas por determinados grupos raciais, em detrimento de mecanismos políticos e legais.
- (D) apresenta-se incontornável ante sua condição estruturante, que mantém inalteradas as amarras históricas e políticas, independentemente de esforços de ruptura.
- (E) centra-se no funcionamento particular e delimitado de cada instituição, que atua em uma dinâmica que confere privilégios ou desvantagens com base na raça.

02. Considere o excerto retirado de Candau (2008): “No caso da educação, promove-se uma política de universalização da escolarização, todos são chamados a participar do sistema escolar, mas sem que se coloque em questão o caráter monocultural presente na sua dinâmica, tanto no que se refere aos conteúdos do currículo quanto às relações entre os diferentes atores, às estratégias utilizadas nas salas de aula, aos valores privilegiados etc.”.

Essa descrição corresponde a

- (A) um cosmopolitismo insurgente.
- (B) um multiculturalismo diferencialista.
- (C) um novo imperativo transcultural.
- (D) uma abordagem intercultural.
- (E) uma política assimilacionista.

03. Assinale a alternativa correta acerca do conceito de multiletramento, de acordo com Rojo (2012).

- (A) Significa a adoção do termo letramento, originalmente aplicado em conteúdos de língua portuguesa e alfabetização, em outras disciplinas ou áreas, como letramento no trânsito ou letramento em saúde mental.
- (B) Expressa o que há de mais avançado no paradigma de aprendizagem curricular, pois fixa conteúdos e sequências didáticas em um planejamento sólido e moderno.
- (C) Promove a substituição das leituras e escritas tradicionais em direção aos usos digitais contemporâneos, de maior interesse e uso para os alunos.
- (D) Incorpora a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos que informam e comunicam.
- (E) Propõe-se fundamentalmente a formar um usuário funcional que tenha competência técnica (“saber fazer”) nas ferramentas/textos/práticas letradas requeridas, garantindo os “alfabetismos” necessários.

04. Considere o texto a seguir, adaptado de Tardif (2012), a respeito dos saberes dos professores.

Em primeiro lugar, seria em vão procurar uma unidade teórica, ainda que superficial, no conjunto de conhecimentos, de saber-fazer, de atitudes e de intenções. Um professor não possui habitualmente uma só e única “concepção” de sua prática. Em segundo lugar, a relação entre os saberes e o trabalho docente não pode ser pensada segundo o modelo aplicacionista da racionalidade técnica utilizado nas maneiras de conceber a formação dos profissionais e no qual os saberes antecedem a prática, formando uma espécie de repertório de conhecimentos prévios que são, em seguida, aplicados na ação.

No trecho, o autor faz referência ao fenômeno

- (A) do sincretismo.
- (B) da perícia profissional.
- (C) da socialização.
- (D) do *continuum* formativo.
- (E) do sistema normativo informal.

05. Andreia é professora de Ciências, e Danilo, de Geografia, lecionando para o 7º ano do ensino fundamental. Ambos têm trabalhado em um projeto interdisciplinar que diz respeito aos rios paulistanos e à ocupação urbana. Nas pesquisas em conjunto para a aula, depararam-se com o texto de Jerá Guarani (2020), no qual são mencionados os rios e córregos canalizados ou escondidos sob o asfalto de São Paulo, como o Anhangabaú e o Tamandateí. Caso os professores queiram trabalhar a perspectiva da autora com seus alunos, as discussões do caso desses rios de São Paulo devem apontar para
- (A) a falta de políticas sociais voltadas para a dignidade humana, que mostram o sucateamento do Estado.
 - (B) o lado bom do progresso industrial e econômico de São Paulo, que possibilitou a formação da maior rede de abastecimento de água e de esgoto do país.
 - (C) a necessidade das pessoas civilizadas de se tornarem selvagens, pois todas as coisas ruins para o meio ambiente vêm de pessoas civilizadas.
 - (D) a atualidade da agenda da ONU de objetivos de desenvolvimento sustentável, sendo o mais importante deles o uso consciente da água.
 - (E) a incompatibilidade dos modos de vida tradicionais guarani com o mundo ocidental de hoje em dia, tornando urgente sua inserção na vida social civilizada.
06. De acordo com o documento *Matrizes de Referência para avaliação: documento básico – Saesp* (São Paulo, 2009), a que se referem as “operações mentais mais complexas, que envolvem pensamento proposicional ou combinatório, graças ao qual o raciocínio pode ser agora hipotético-dedutivo”?
- (A) Habilidades relacionais.
 - (B) Competências para realizar.
 - (C) Habilidades críticas.
 - (D) Atitudes operatórias aplicadas.
 - (E) Competências para compreender.
07. De acordo com a *Diretriz Curricular de Tecnologia e Informação* (2019), a web 2.0 apresenta novas características quando comparada à web 1.0, que afetam as práticas nos ambientes digitais e levam ao desenvolvimento tanto de uma “nova técnica” quanto de um “novo ethos”. Como “novo ethos”, entende-se que
- (A) o conhecimento está localizado em pessoas e instituições, o que exige um planejamento e uma atuação pedagógica cada vez mais estáveis e perenes ante as novas configurações de acesso aos conteúdos digitais.
 - (B) as práticas sociais contemporâneas exigem novas formas de participação, colaboração e distribuição, em que instituições não formais também são responsáveis pela produção e disseminação de conteúdos no cotidiano digital.
 - (C) os textos estão em crescente complexidade, implicando um ordenamento textual, com gêneros e modalidades bem delimitados, de modo que os estudantes possam saber quando utilizar cada tipo.
 - (D) o indivíduo é a unidade de produção, conhecimento e competência, sendo a sua formação em sua individualização a base fundamental de uma pedagogia digital de transformação da realidade do aluno.
 - (E) o espaço-tempo deve ser tratado de modo encapsulado e bem segmentado frente a propósitos específicos, cuja gestão permite direcionar as mais diversas ferramentas à produção.
08. Tatiana é professora do Estado e descobriu recentemente a concepção de Projeto de Vida ao pesquisar o documento *Diretrizes do Programa Ensino Integral* (São Paulo, s.d.). Ela quer levar algumas reflexões que teve para sua reunião de trabalho pedagógico.
- Assinale a alternativa que apresenta uma fala correta de Tatiana tendo como base o documento.
- (A) “Nossa principal intenção com o Projeto de Vida é que o aluno tenha êxito em sua execução, mesmo quando não tenha escolhido um objetivo realmente desejável, porque a lição mais importante é sobre sua capacidade executiva”.
 - (B) “Quando assumimos o protagonismo juvenil como princípio, devemos entender a radicalidade da autonomia do estudante desde o início da construção de seu Projeto de Vida, sem que haja nossa influência nesse processo libertário”.
 - (C) “Se vincularmos o Projeto de Vida com as exigências do mercado de trabalho, vamos priorizar o cotidiano e fortalecer a educação integral em termos utilitários, ou seja, vamos priorizar o sucesso que transforma condições socioeconômicas”.
 - (D) “O Projeto de Vida pode ajudar o jovem a participar ativamente do processo de ensino e de sua aprendizagem, porque direciona seus desejos e objetivos conscientemente em direção ao seu autodesenvolvimento e a seus sonhos”.
 - (E) “Cada estudante deve escolher objetivos factíveis dentre os propostos por nossa equipe, de acordo com suas capacidades e com a realidade que enfrenta, assegurando a conquista efetiva de seu Projeto de Vida”.

09. De acordo com o Decreto nº 55.588/2010 (São Paulo), fica assegurado que

- (A) as comunidades quilombolas e indígenas recebam uma estrutura pública escolar itinerante.
- (B) o ensino da cultura afro-brasileira e indígena seja amplamente efetivado a partir dos conteúdos das áreas de história, literatura e arte.
- (C) o ensino religioso seja facultativo e ofertado no contraturno do período regular de ensino.
- (D) a educação sexual nas escolas deve acontecer não antes do ensino fundamental II e não depois do ensino médio.
- (E) os servidores públicos tratem pessoas transexuais e travestis pelo prenome por estas indicado.

10. De acordo com o artigo 6º, em seu inciso VI, da Resolução CNE/CP nº 1/2020, um dos fundamentos pedagógicos da formação continuada de docentes da Educação Básica é o

- (A) desenvolvimento da capacidade de cumprir com as demandas e exigências da equipe gestora da unidade escolar e de níveis superiores municipais, estaduais e federais, de forma a construir e consolidar uma cultura institucionalizada de sucesso e eficácia escolar para todos.
- (B) desenvolvimento permanente da capacidade de monitoramento do aprendizado próprio e dos alunos, como parte indissociável do processo de instrução, a qual, consideradas as expectativas de aprendizagem, possibilita o diagnóstico de lacunas e a aferição de resultado, além das necessárias correções de percurso.
- (C) reconhecimento das Instituições de Ensino Superior e das universidades como espaço e contexto preferencial para a formação de docentes da Educação Básica a partir de uma sólida e criteriosa formação teórica e acadêmica no campo científico da Educação e da Didática.
- (D) fortalecimento da independência entre ensino e pesquisa, de modo que o desenvolvimento integral de docentes respeite sua autonomia de interesse no desenho, implementação, monitoramento e aprimoramento de seus planos individuais de carreira.
- (E) desenvolvimento privilegiado das competências e habilidades relacionadas a raciocínio lógico-matemático, probabilidade e estatística, de modo a igualar os conhecimentos quantitativos aos níveis satisfatórios de competência docente em língua portuguesa e humanidades.

PARTE ESPECÍFICA

11. Leia a tira.

O Melhor de Calvin - Bill Waterson



(Bill Waterson, "O Melhor de Calvin". <https://cultura.estadao.com.br/quadrinhos>, 01.06.2023. Acesso em 10.06.2023)

Nas falas dos personagens, identifica-se informalidade da linguagem com não atendimento à norma-padrão em:

- (A) Acho que o papai também não.
- (B) Eu hoje me ferrei em um teste...
- (C) É uma questão de prioridades.
- (D) Um homem deve fazer aquilo que ele gosta.
- (E) Estes dias são únicos...

12. Leia o poema de Manuel Bandeira.

Neologismo

Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora.

(Manuel Bandeira, *As cidades e as musas*)

Antonio Candido afirma que “um certo número de escritores se aplica a mostrar como somos diferentes da Europa e como, por isso, devemos ver e exprimir diversamente as coisas. Em todos eles encontramos latente o sentimento de que a expressão livre, principalmente na poesia, é a grande possibilidade que tem para manifestar-se com autenticidade um país de contrastes, onde tudo se mistura e as formas regulares não correspondem à realidade.” Tal afirmação, em relação ao poema de Manuel Bandeira, é

- (A) coerente, porque o eu lírico expressa, de fato, a motivação criadora que, para além do neologismo criado, manifesta-se na própria estrutura do poema, que vem caracterizar uma reação dos poetas modernistas em relação às formas fixas das escolas literárias anteriores.
- (B) relativa, porque, de um lado, há evidente preocupação com a liberdade criadora, que se manifesta em uma organização textual onde se encontram versos brancos e livres; de outro, há uma seleção lexical e uma idealização do amor que aproxima o poema dos ultrarromânticos.
- (C) procedente, porque a forma de organização do poema tem uma clara intenção de rompimento com as formas fixas de expressão que caracterizaram a literatura romântica e a parnasiana, retomando, sem dúvida, o padrão da literatura clássica, sobretudo a árcade.
- (D) controversa, porque o eu lírico, ainda que manifeste sua intenção de inovar no campo linguístico, mantém uma organização de texto literário bastante próxima daquela que a literatura modernista condena, a saber, a escola parnasiana, conhecida por seu rigor estético.
- (E) inaplicável, porque se manifesta de forma incontestável no poema o rigor na organização dos versos, seja em relação à métrica, seja em relação às rimas, o que distancia essa produção da busca pela liberdade criativa que caracterizou o movimento modernista a partir de 1922.

13. Leia os textos.

Texto 1

Os conhecimentos sobre a língua, as demais semi-oses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas. A seleção de habilidades na BNCC está relacionada com aqueles conhecimentos fundamentais para que o estudante possa apropriar-se do sistema linguístico que organiza o português brasileiro.

(BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular [BNCC].)

Texto 2

Deve-se ter em mente que a ampliação da competência discursiva do aluno não pode ficar reduzida apenas ao trabalho sistemático com a matéria gramatical. Aprender a pensar e falar sobre a própria linguagem, realizar uma atividade de natureza reflexiva, uma atividade de análise linguística supõe o planejamento de situações didáticas que possibilitem a reflexão não apenas sobre os diferentes recursos expressivos utilizados pelo autor do texto, mas também sobre a forma pela qual a seleção de tais recursos reflete as condições de produção do discurso e as restrições impostas pelo gênero e pelo suporte. Supõe, também, tomar como objeto de reflexão os procedimentos de planejamento, de elaboração e de refacção dos textos.

(BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.)

Comparando-se os dois textos, conclui-se que ambos defendem que as práticas de linguagem na escola

- (A) visam contribuir para o desenvolvimento linguístico pleno dos alunos, obtido com atividades regulares de memorização que permitam, também, a promoção da reflexão crítica.
- (B) precisam centrar-se em conteúdos que devem fazer parte do cotidiano comunicativo dos alunos, criando-se a complexidade do ensino em função do conhecimento gramatical.
- (C) podem estabelecer-se em sintonia com o trabalho sistemático com a matéria gramatical, sobretudo quando se priorizam atividades metalinguísticas e de classificação.
- (D) necessitam levar em conta a seleção de recursos linguísticos, pensando-se prioritariamente nas outras semi-oses e nas variedades não padrão que integram o ensino atual.
- (E) devem acontecer de forma contextualizada e significativa, o que permitirá aos alunos refletirem sobre os usos da língua e da linguagem em diversos contextos de comunicação.

14. A literatura indígena brasileira contemporânea é uma expressão vinculada ao lugar de fala (Dalcastagnè, 2012) do sujeito indígena que reivindica, cada vez mais, protagonismo para articular em nome de suas ancestralidades, sem mediações alheias a eles. O lugar de fala indígena é a sua ancestralidade. Matos (2011), refletindo sobre a enunciação literária indígena e o lugar de onde partem os textos criativos indígenas, argumenta que a autoidentificação e a autodenominação étnicas sob a forma de ‘nós’, ‘os humanos’, os ‘verdadeiros humanos’, é uma constante para vários povos indígenas (araweté, yaminawa, waiapi, etc.). Estas alcunhas autorreferenciais são, conforme Viveiros de Castro (1996 apud Matos, 2011), pronomes cosmológicos, e não nomes próprios. “Eles servem para marcar o lugar de onde se fala, o nós do grupo” (Matos, 2011, p. 33). Na literatura indígena brasileira, os escritores e escritoras empenham-se em esclarecer que a cultura indígena é formada por diferentes grupos que possuem tradições e práticas diversas entre si. Reiteram que não são um monólito homogêneo e fenotípico que justifica o rótulo de índios do Brasil. Seus lugares de fala são suas ancestralidades e pertencas étnicas, uma vez que são munduruku, potiguara, guarani, sateré-mawé, dessana, kambéba, entre outros. Desse modo, a leitura das obras desses autores de etnias diferentes coopera para o conhecimento de diferentes lugares de fala cuja expressão se anuncia a partir da própria alteridade. Diferentes projetos literários, nesse sentido, encontram-se dentro desse sistema, anunciando diferentes mensagens elaboradas criativamente a partir de matérias ancestrais, históricas, estéticas, políticas etc.

(Julie Dorrico, “Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária”. Em: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção* [recurso eletrônico]. Em: <https://www.editorafi.org/438indigena>. Adaptado)

A habilidade EF69AR34 do Currículo Paulista – Ensino Fundamental diz respeito a “Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.”

Nesse sentido, as considerações de Dorrico articulam-se aos pressupostos do Currículo na medida em que

- (A) reconhecem a literatura indígena como conteúdo relevante do patrimônio cultural brasileiro, ainda que os escritores se tenham mantido apegados a vozes alheias para a construção dos discursos de seus povos, o que fatalmente implica em silenciamento de suas vozes.
- (B) colocam a literatura indígena como o caminho natural para ampliar a cultura do país, reconhecendo os lugares de fala daqueles que foram, por anos, silenciados, e que somente a democratização do conhecimento de autores e obras indígenas pode mudar esse cenário.
- (C) situam a literatura indígena a partir da fala dos representantes desses povos, de modo autêntico, no resgate de sua ancestralidade, o que permite entender que o protagonismo da fala indígena consiste numa forma de fortalecimento da identidade e de resistência.

- (D) asseveram a literatura indígena como uma forma legítima de valorização da cultura nacional e do protagonismo das minorias, o que permite entender que a educação linguística deve acolher, quando possível, exemplos de alguns lugares de fala dos povos originários.
- (E) apontam a literatura indígena como um modo natural de se conhecer a essência dos povos e, em decorrência disso, do país, o que permite entender que as falas indígenas se articulam às falas de outros povos para buscar reconhecimento e protagonismo nacional.

Leia o texto para responder às questões de números 15 e 16.

Nu e cru, eis o fato: apareceu um pênis decepado, em plena Estrada Nacional, à entrada da vila de Tizangara. Era um sexo avulso e avultado. Os habitantes relampejaram-se em face do achado. [...] Uma roda de gente se engordou em redor da coisa. Também eu me cheguei, parado nas fileiras mais traseiras, mais posto que exposto. Avisado estou: atrás é onde melhor se vê e menos se é visto. Certo é o ditado: se a agulha cai no poço, muitos espreitam, mas poucos descem a buscá-la. Na nossa vila, acontecimento era coisa que nunca sucedia. Em Tizangara só os fatos são sobrenaturais. E contra fatos todos são argumentos.

(Trecho de *O último voo do flamingo*, de Mia Couto, extraído de Elena Brugioni, “Literaturas africanas: escrita, oralidade, voz”. *Literaturas africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto*, 2019)

15. Na análise de Elena Brugioni, o texto de Mia Couto exemplifica

- (A) o sincretismo entre escrita e oralidade, em uma narrativa de matriz oral que chama a atenção pelas dimensões intertextual e interdiscursiva que a caracterizam.
- (B) a organização do texto literário de modo a formalizar uma narrativa invulgar, uma vez que consegue, representando um fato corriqueiro, fazê-lo sem valer-se de traços da oralidade.
- (C) a linguagem subvertida, já que a narrativa mantém a linearidade tradicional do enredo e a oralidade centraliza os sentidos dela, manipulando-os de modo a criar ambiguidades.
- (D) o plano de escrita marcado pela dinâmica alternância de gêneros textuais, notadamente aqueles que marcam a situação formal de comunicação das personagens.
- (E) a racionalização da construção literária, delimitando claramente os espaços formais e os informais que representam a língua escrita e a língua falada, respectivamente.

16. Com a frase “Em Tizangara só os fatos são sobrenaturais.”, a intenção do narrador é sugerir que

- (A) os medos que acometem os moradores do lugar são passageiros, equivalendo à ideia do ditado: “Saúde de um tempo? Tenho saúde é de não haver tempo”.
- (B) os habitantes do lugar acostumam-se a tudo, equivalendo à ideia do ditado: “As ruínas de uma nação começam no lar do pequeno cidadão”.
- (C) as superstições dos moradores locais intensificam seus medos, equivalendo à ideia do ditado: “Quem veste o hipopótamo é a escuridão”.
- (D) os acontecimentos mexem com a rotina do lugar, equivalendo à ideia do ditado: “O mundo não é o que existe, mas o que acontece”.
- (E) os fatos registrados no lugar trazem perturbações aos moradores, equivalendo à ideia do ditado: “O que não pode florir no momento certo, acaba explodindo depois”.

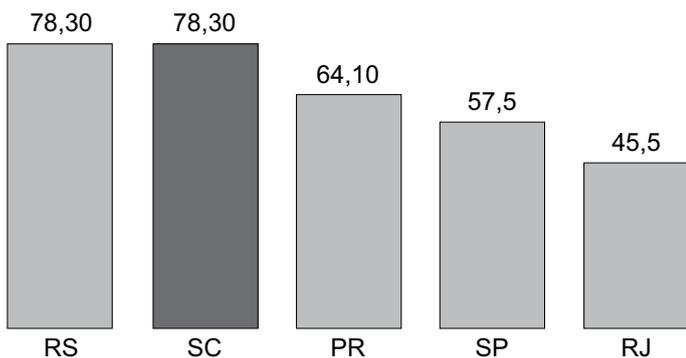
Leia o texto para responder às questões de números 17 e 18.

“Ouvir que não existe quilombola em Santa Catarina me causa indignação, mas não espanto”, diz Terezinha Silva de Souza, 87, fundadora da associação do quilombo Caldas do Cubatão, da cidade catarinense Santo Amaro da Imperatriz.

Ao lado do Rio Grande do Sul, o estado lidera a lista dos mais brancos do país, com 78% de sua população autodeclarada branca, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Em seguida, com 64%, está o Paraná, completando a tríade sulista.

No total da população brasileira, 43% são brancos, segundo dados de 2021 do órgão.

Os cinco estados com mais pessoas autodeclaradas brancas
Em %



Fonte: IBGE – Pesquisa Nacional por amostra de domicílios contínua trimestral 2022

“O negro sempre foi excluído, ficou em segundo plano, teve sua história apagada”, afirma Terezinha, ao dizer que não se surpreende com quem desconhece as veias quilombolas que pulsam ao sul do mapa brasileiro.

Apesar de ter ao menos 319 comunidades remanescentes de quilombos, a região é raramente vista como um território de resistência negra.

No imaginário coletivo, a figura do gaúcho, por exemplo, é com frequência associada à de uma pessoa branca que veste bombacha e anda a cavalo. Nada de pretos, ou pardos. Que dirá, então, quilombolas. É o que diz Fernanda Oliveira, historiadora e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

(Marina Lourenço, “Quilombolas do Sul lutam contra apagamento”. Em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano>, 09.06.2023. Adaptado)

17. Na organização da notícia, a inclusão do gráfico tem a intenção de

- (A) corroborar a afirmação da professora universitária sobre a ausência de comunidades quilombolas no Sul do país, expondo aos leitores aquilo que o Currículo Paulista prevê como ferramentas de apoio ao texto escrito.
- (B) reiterar e enfatizar as informações constantes do texto, expondo aos leitores aquilo que o Currículo Paulista prevê no procedimento de leitura com ênfase na relação do verbal com outras semioses.
- (C) esclarecer os dados sobre o fato de o Sul congregar metade da população negra do país, expondo aos leitores aquilo que o Currículo Paulista prevê como expor resultado de pesquisas com apoio de recurso.
- (D) destacar a primazia do Estado de Santa Catarina como lugar de resistência quilombola no país, expondo aos leitores aquilo que o Currículo Paulista prevê quanto à organização hipertextual de textos de mídia digital.
- (E) elucidar a forte presença de negros no Sul do país, expondo aos leitores aquilo que o Currículo Paulista prevê no que diz respeito a usar diferentes linguagens para resolver situações-problema.

18. Respeitando-se a norma-padrão, a coesão e a coerência textuais, uma reescrita que se mantém fiel aos sentidos do texto original é:

- (A) Terezinha concluiu de que não se surpreende com o fato de haverem pessoas que desconhecem as veias quilombolas que pulsam ao sul do país.
- (B) De acordo com o IBGE, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná compõe a tríade dos estados com as maiores populações autodeclaradas brancas.
- (C) Ainda que se contem ao menos 319 comunidades remanescentes de quilombos, a região é dificilmente vista como um território de resistência negra.
- (D) “Ouvir que não existe quilombola em Santa Catarina não só me causa indignação, mas também espanto.”, diz a professora Terezinha Silva de Souza.
- (E) No imaginário coletivo, a figura do gaúcho está ligada à de uma pessoa branca que veste bombacha e anda a cavalo; não existem nada de pretos, ou pardos.

Leia o texto para responder às questões de números 19 e 20.

Nossos filhos nas redes sociais

Muita tinta e saliva têm sido gastas sobre o papel das redes sociais na polarização política e na degradação da verdade. Se em geral elas favorecem a “arte da associação”, que Alexis de Tocqueville via como chave de uma democracia vibrante, seus elementos tóxicos a deterioram. Mas, além da cultura cívica que essa geração legará à próxima, eles podem estar degradando a saúde mental dos herdeiros. O “risco pode ser profundo”, adverte um relatório da principal autoridade de saúde americana, dr. Vivek Murthy.

Fato: algo terrível aconteceu com a Geração Z, nascida após 1996. Na última década, as taxas de depressão, ansiedade, comportamentos autodestrutivos e suicídios escalaram entre crianças e adolescentes, justamente os que cresceram sob o uso massivo e diário das redes viabilizado pelos *smartphones*. Correlação não implica causalidade, e, mesmo sendo uma causa, as redes não são a única. Mas há indícios de que, além de reforçar as outras, elas são a principal.

Algo dessa ansiedade pode refletir a ansiedade dos pais com tensões políticas e sociais. Uma cultura protecionista e a pressão por resultados deixa às crianças cada vez menos tempo para atividades livres e não supervisionadas entre si, minando o desenvolvimento de suas habilidades em cooperar, ceder, solucionar conflitos e tolerar adversidades. Essa psique fragilizada é palpável nos *campi*, onde universitários “cancelam” opiniões que são sentidas como “violência”.

A terceirização da educação e recreação para as telas pode ter um papel no isolamento dos jovens. Sua relação com transtornos mentais é mais incerta. Nesse sentido, as telas seriam como um novo alimento. A comida é necessária à vida; desbalanceada, é nociva. As telas seriam como açúcar, dispensável para a nutrição, mas saboroso, e, em excesso, pernicioso. Já as redes parecem ser algo mais. Não são como veneno de rato, tóxico para todos, mas mais como o álcool, uma substância medianamente viciante que facilita interações sociais, mas pode levar à dependência e depressão de uma minoria. Para jovens em desenvolvimento cerebral e emocional, alerta Murthy, as sequelas podem ser agudas.

(<https://www.estadao.com.br/opiniao>, 04.06.2023. Adaptado)

19. De acordo com Angela Kleiman (2017), “outras habilidades que têm altas correlações com a capacidade de ler, apontadas na literatura, são a capacidade para apreender o tema e a estrutura global do texto para inferir o tom, intenção e atitude do autor, para reconstruir relações lógicas e temporais, bem como para realizar atividades de apropriação da voz do autor...”. Com base nessas informações, conclui-se corretamente que, na construção da argumentação no primeiro e no quarto parágrafos, recorre-se ao emprego de

- (A) comparações e termos em sentido figurado para reforçar aspectos negativos relacionados ao uso excessivo das redes sociais que, conforme assinala Vivek Murthy, vêm trazendo prejuízos expressivos à saúde mental dos jovens.
- (B) verbos flexionados no futuro do pretérito do indicativo para relativizar o ponto de vista contundente exposto por Vivek Murthy, que vê as redes sociais como grande vilã das doenças mentais dos tempos atuais.
- (C) orações adverbiais condicionais para contestar a ideia defendida por Vivek Murthy de que os jovens nascidos após 1996 estariam menos sujeitos aos efeitos deletérios advindos da expansão das redes sociais.
- (D) comparações para enfatizar que os jovens nascidos após 1996 têm muitas vantagens comunicativas proporcionadas pelas redes sociais e, segundo Vivek Murthy, isso os ajuda na solução de tensões políticas e sociais.
- (E) expressões de duplo sentido para amenizar o impacto das afirmações de Vivek Murthy, uma vez que o comportamento de adultos e jovens pode ser menos afetado pelas redes sociais do que os estudos atuais estão sugerindo.

20. De acordo com Ingedore Koch (2015, adaptado), “o encadeamento de segmentos textuais, de qualquer extensão, é estabelecido, em grande número de casos, por meio de recursos linguísticos que se denominam articuladores textuais ou operadores do discurso. (...) Os articuladores enunciativos ou discursivo-argumentativos são os que encadeiam atos de fala distintos, introduzindo, entre eles, relações discursivo-argumentativas...”. Com base no exposto pela autora, identifica-se enunciado com operador do discurso, seguido de reescrita com manutenção do sentido original, em:
- (A) Algo dessa ansiedade pode refletir a ansiedade dos pais com tensões políticas e sociais.
[Um tanto dessa ansiedade pode refletir a ansiedade dos pais com tensões políticas e sociais.]
- (B) Mas há indícios de que, além de reforçar as outras, elas são a principal.
[Mas há indícios de que, por reforçar as outras, elas são a principal.]
- (C) Se em geral elas favorecem a “arte da associação”, (...) seus elementos tóxicos a deterioram.
[Como em geral elas favorecem a “arte da associação”, (...) seus elementos tóxicos a deterioram.]
- (D) As telas seriam como açúcar, dispensável para a nutrição, mas saboroso...
[As telas seriam como açúcar, dispensável para a nutrição, todavia saboroso...]
- (E) ... justamente os que cresceram sob o uso massivo e diário das redes...
[... tão-somente os que cresceram sob o uso massivo e diário das redes...]

21. Considere as informações:

Narrativa oral – uma jovem de 17 anos	Retextualização: aluna de Letras, UFPE, 4º Período
eh... eu vou falar sobre a minha família... sobre os meus pais... o que eu acho deles... como eles me tratam... bem... eu tenho uma família... pequena... ela é composta pelo meu pai... pela minha mãe... pelo meu irmão... eu tenho um irmão pequeno de... dez anos... eh... o meu irmão não influencia em nada... a minha mãe é uma pessoa superlegal... sabe?	– Bem, eu vou falar sobre a minha família, sobre meus pais, o que acho deles e como eles me tratam. – A minha família é pequena, composta pelo meu pai, minha mãe e um irmão pequeno de dez anos que não influencia em nada. Minha mãe é superlegal.

(Marcuschi, 2010)

As informações exemplificam, respectivamente, uma produção oral e a sua retextualização. Analisando-as, é correto concluir que

- (A) ambas se caracterizam pelo emprego de formas redundantes, carecendo, pois, de concisão.
- (B) ambas se caracterizam pelo uso reiterado de formas linguísticas de variedades não-padrão.
- (C) a primeira caracteriza-se por ser descontextualizada; a segunda, por ser normatizada.
- (D) a primeira caracteriza-se por valer-se de língua coloquial; a segunda mostra-se incoerente.
- (E) a primeira caracteriza-se por ser fragmentária, ao contrário do que acontece com a segunda.

Leia o texto para responder às questões de números 22 a 25.

CAPÍTULO PRIMEIRO / ÓBITO DO AUTOR

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: — “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à Natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.”

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, a filha, — um lírio do vale, — e... Tenham paciência! daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade, padeceu mais. Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era coisa altamente dramática... Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos, não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.

— “Morto! morto!” dizia consigo.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

22. Com base em Alfredo Bosi (2015), é correto afirmar que a narrativa de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* traduz a literatura machadiana

- (A) de traços naturalistas, por meio da qual o autor explora a cientificidade como forma de construir suas personagens, desapegadas da idealização.
- (B) de transição, por meio da qual o autor explora, de um lado, a narrativa linear dos românticos e, de outro, as forças do inconsciente como os realistas.
- (C) da maturidade, por meio da qual o autor explora a psique humana sem ater-se à idealização ou à fixidez psicológica, trabalhando as possibilidades narrativas.
- (D) de influência romântica, por meio da qual o autor explora detalhadamente as características das personagens com o fim de construir os tipos.
- (E) da juventude, por meio da qual o autor explora a idealização das personagens, construindo-as como forma de denunciar a sociedade e suas mazelas.

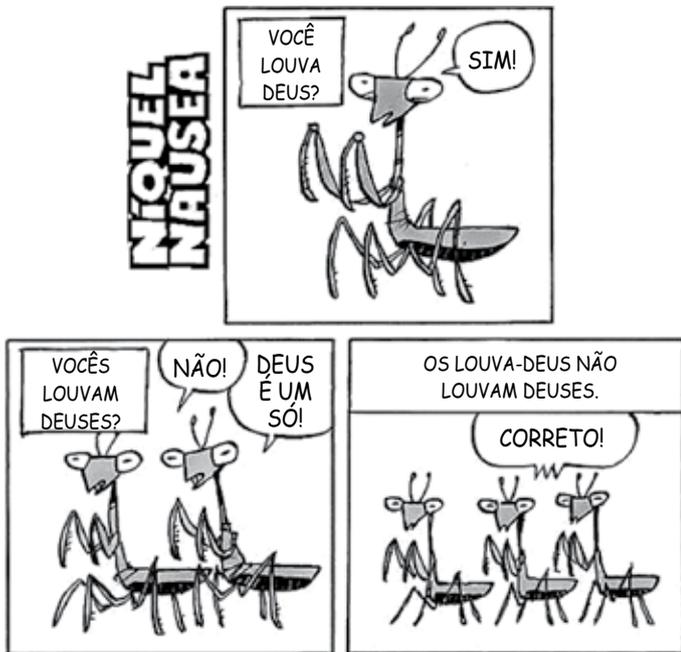
23. Daí, a estrutura informal e aberta dessa nova experiência narrativa, tecido de lembranças casuais, *fait divers* e cortes digressivos entre banais e cínicos da personagem-autor, que não transcende nunca a “filosofia” do bom senso burguês congelada pela condição irreversível de defunto.

(Alfredo Bosi, 2015)

Identifica-se um corte digressivo, pontuado de ironia, na seguinte passagem do texto:

- (A) Tenham paciência! daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora.
- (B) ... peneirava uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste...
- (C) ... se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte.
- (D) Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei.
- (E) Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo...

24. No Currículo Paulista – Ensino Médio, a habilidade EM13LP04 tem como fundamento “Estabelecer relações de interdiscursividade e intertextualidade para explicitar, sustentar e conferir consistência a posicionamentos e para construir e corroborar explicações e relatos, fazendo uso de citações e paráfrases devidamente marcadas.” No texto de Machado de Assis, uma passagem em que o narrador recorre ao diálogo intertextual com o fito de justificar e enaltecer o seu relato é:
- (A) De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.
- (B) Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.
- (C) ... foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe...
- (D) Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte.
- (E) “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável...”
25. Maria Helena de Moura Neves (2003) afirma que “estudar gramática é refletir sobre o uso linguístico, sobre o exercício da linguagem”. Aplicando-se esse conceito ao texto de Machado de Assis, conclui-se corretamente que, na passagem
- (A) “Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro...” (2º parágrafo), o emprego do artigo antes do numeral tem como objetivo conferir precisão a este.
- (B) “Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim...” (1º parágrafo), as formas verbais no tempo presente criam uma aproximação com o leitor.
- (C) “... peneirava uma chavinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste...” (2º parágrafo), o diminutivo, a repetição e a inversão dos termos visam reforçar a melancolia do momento.
- (D) “... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor...” (1º parágrafo), a mudança de posição dos termos “autor” e “defunto” não lhes muda a classe gramatical.
- (E) “Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa.” (3º parágrafo), a repetição do verbo e o emprego do pretérito do subjuntivo enfatizam a aversão do narrador.
26. Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa* (1998), afirma-se: “... língua é um sistema de signos específico, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Aprender a língua não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.”
- Tal conceituação encontra eco na teoria de Bakhtin porque esse autor
- (A) reconhece que todas as esferas da comunicação humana estão relacionadas com o uso da língua, razão pela qual ele a concebe como prática social, que se manifesta nos gêneros do discurso.
- (B) entende que a comunicação humana ocorre prioritariamente por atos de fala, portanto, quando se faz referência às condições de produção do discurso, os sentidos advêm do contexto de interação oral.
- (C) considera que os falantes de uma língua se comunicam por meio de gêneros discursivos, sendo os primários mais complexos do que os secundários, ainda que a interação verbal se valha de todos.
- (D) defende que a comunicação humana é ampliada pelo acesso das pessoas aos bens culturais, o que implica o domínio da norma de prestígio da língua e, por isso, redimensiona o papel da gramática.
- (E) pondera que a formação cultural das sociedades depende da escrita, o que justifica o ensino de língua oral e da escrita com o objetivo de caracterizar cada uma delas e explicar suas especificidades.



(Fernando Gonsales, "Níquel Náusea". *Folha de S.Paulo*, 08.06.2023)

De acordo com Rojo (2012), "... o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica da constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica." Com base nesses apontamentos da autora, identifica-se que a multiplicidade cultural na tira se organiza

- (A) na complementaridade de ideias, explorada por um jogo de palavras advindo de uma gradação entre "Sim", "Não" e "Correto".
- (B) na ambiguidade do nome do inseto, explorada por um jogo de palavras a partir de "louva-deus", sendo que ele não louva nenhum deus.
- (C) na contraposição entre a ideia de louvar e de não louvar, explorada em um jogo de palavras advindo da relação "Sim" e "Correto".
- (D) na contradição exposta pelas visões monoteísta e politeísta, explorada em um jogo de palavras que, por fim, nega ambas as concepções.
- (E) na oposição entre a visão monoteísta e a politeísta, explorada por um jogo de palavras advindo da relação singular X plural.

À esquerda do vale, e abrigado do norte pela montanha que ali se corta quase a pique, está um maciço de verdura do mais belo viço e variedade. A faia, o freixo, o álamo entrelaçam os ramos amigos; a madressilva, a musqueta penduram de um a outro suas grinaldas e festões: a congossa, os fetos, a malva-rosa do valado vestem e alcatifam o chão. Para mais realçar a beleza do quadro, vê-se por entre um claro das árvores a janela meia aberta de uma habitação antiga mas não dilapidada — com certo ar de conforto grosseiro, e carregada na cor pelo tempo e pelos vendavais do sul a que está exposta. A janela é larga e baixa; parece mais ornada e também mais antiga que o resto do edifício que todavia mal se vê...

Interessou-me aquela janela.

Quem terá o bom gosto e a fortuna de morar ali?

Parei e pus-me a namorar a janela.

Encantava-me, tinha-me ali como num feitiço.

Pareceu-me entrever uma cortina branca... e um vulto por detrás... Imaginação decerto! Se o vulto fosse feminino! ... era completo o romance.

Como há de ser belo ver pôr o Sol daquela janela! ...

E ouvir cantar os rouxinóis! ...

E ver raiar uma alvorada de Maio! ...

Se haverá ali quem a aproveite, a deliciosa janela? ... quem aprecie e saiba gozar todo o prazer tranquilo, todos os santos gozos de alma que parece que lhe andam esvoaçando em torno?

Se for homem é poeta; se é mulher está namorada.

São os dois entes mais parecidos da natureza, o poeta e a mulher namorada: veem, sentem, pensam, falam como a outra gente não vê, não sente, não pensa nem fala.

(Massaud Moisés. *A Literatura Portuguesa Através Dos Textos*)

28. *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett, de onde se extraiu o excerto, foi publicado em 1846. Analisando-o, flagram-se usos que denunciam tratar-se de um momento histórico, social e espacial diferente daquele que hoje se vivencia. Um exemplo que mostra inequivocamente essa diferença contextual está na seguinte reescrita:

- (A) “Para mais realçar a beleza do quadro, vê-se por entre um claro das árvores a janela meia aberta...”
[Para mais realçar a beleza do quadro, vê-se a janela meia aberta por entre um claro das árvores...]
- (B) “... a janela meia aberta de uma habitação antiga mas não dilapidada...”
[... a janela meia aberta de uma habitação antiga todavia não dilapidada...]
- (C) “... e carregada na cor pelo tempo e pelos vendavais do sul a que está exposta.”
[... e carregada na cor pelo tempo e pelos vendavais do sul à qual se expõe.]
- (D) “Se for homem é poeta; se é mulher está namorada.”
[Caso venha a ser homem é poeta; caso venha a ser mulher está namorada.]
- (E) “Como há de ser belo ver pôr o Sol daquela janela!...”
[Como deve ser belo ver o Sol se pôr daquela janela!...]

29. De acordo com o Currículo Paulista – Ensino Médio, textos como o de Almeida Garrett devem

- (A) ser introduzidos nas aulas para fruição e conhecimento, de modo mais sistematizado e com aprofundamento das relações com os períodos históricos, artísticos e culturais.
- (B) fomentar os momentos de fruição estética, a partir das quais os alunos devem buscar outros gêneros para trabalhos comparativos, como filmes e histórias em quadrinhos.
- (C) ser discutidos em sala de aula depois de apresentada de forma sistemática a biografia do autor e as características de época para que os alunos tenham informações prévias.
- (D) ser eventualmente inseridos nos momentos de leitura literária, consolidando as práticas orais e auxiliando os alunos da decodificação do código escrito literário.
- (E) assumir um papel secundário nas aulas, uma vez que o trabalho com os gêneros textuais em sua diversidade impõe a necessidade de explorar textos não só literários.

30. Cada um de nós, professor ou não, precisa elevar o grau da própria autoestima linguística: recusar com veemência os velhos argumentos que visem menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós. Temos de nos impor como falantes competentes de nossa língua materna. Parar de acreditar que “brasileiro não sabe português”, que “português é muito difícil”, que os habitantes da zona rural ou das classes sociais mais baixas “falam tudo errado”. Acionar nosso senso crítico toda vez que nos depararmos com um comando paragramatical e saber filtrar as informações realmente úteis, deixando de lado (e denunciando, de preferência) as afirmações preconceituosas, autoritárias e intolerantes. Da parte do professor em geral, e do professor de língua em particular, essa mudança de atitude deve refletir-se na não aceitação de dogmas, na adoção de nova postura (crítica) em relação a seu próprio objeto de trabalho.

(Marcos Bagno. *Preconceito linguístico*)

A nova postura (crítica) defendida por Marcos Bagno solidariza-se ao contido

- (A) no *Currículo Paulista – Ensino Fundamental*, que concebe a língua escrita como sinônimo de língua falada, razão pela qual a oralidade deve orientar as práticas em sala de aula, sobretudo no que concerne à questão da variação linguística.
- (B) na *Base Nacional Curricular Comum*, que concebe a língua e a linguagem a partir das mudanças históricas que a determinam, razão pela qual é imperativo promover em sala de aula reflexões sobre a evolução histórica de ambas.
- (C) nos *Parâmetros Nacionais – Língua Portuguesa*, que concebem as variações linguísticas como constitutivas das línguas humanas, razão pela qual os usos sociais da língua devem ser levados em consideração nas práticas de sala de aula.
- (D) nos *Parâmetros Nacionais – Língua Portuguesa*, que concebem a variação linguística como inevitável para um país com as dimensões como a do Brasil, razão pela qual a escola deve promover a unificação linguística dos alunos.
- (E) na *Base Nacional Curricular Comum*, que concebe a língua como um sistema imutável de signos empregados na comunicação humana, razão pela qual deve ser perseguido em sala de aula o ensino da norma de prestígio social.

